



PORTUGUESE A1 – HIGHER LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU SUPÉRIEUR – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL SUPERIOR – PRUEBA 1

Tuesday 18 November 2008 (afternoon)
Mardi 18 novembre 2008 (après-midi)
Martes 18 de noviembre de 2008 (tarde)

2 hours / 2 heures / 2 horas

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1. (a)

Fredi

Na Praça da Figueira – estranhamente vazia, iluminada – a mãe dá a mão a um homem e ri-se.

Fredi deixa cair o braço; o cigarro fica sozinho nos lábios. Como um objecto sem sentido, meio a cair nos lábios abertos.

5 O homem é um velho com pouco cabelo e óculos, de fato e laçarote. “Ridículo”, pensa Fredi. Não o conhece nem quer conhecê-lo. Odeia-o. Odiou-o de imediato e odiá-lo-á sempre. Como odeia também as gargalhadas da mãe; gargalhadas muito altas, agudas, que se espalham pela praça deserta. Espalham-se, enrolam-se, desaparecem.

10 Fredi recua. Felizmente não o viram. Não consegue encarar aquilo por mais tempo, dá meia volta. Corre. Sem saber o que fazer, regressa à ruazinha onde deixou o carro. Está um silêncio espantoso.

No meio da cidade, ao cair da noite, Fredi tem a impressão de ouvir apenas os próprios gestos. As pernas, os braços, a respiração. Sente uma espécie de nó no peito.

15 Quando chega ao carro, pára. Respira fundo. Fica quieto, a ouvir o ar que lhe entra e sai do corpo, à espera que aconteça alguma coisa. Que algum sinal lhe indique o que fazer. Mas nada, não acontece nada. Ali, no princípio da noite, Fredi olha para a loja de Carnaval, fechada às escuras, com máscaras coladas ao vidro, e plumas, serpentinas, confetes.

Agora arranca o oleado do carro e sai a acelerar. [...]

20 Acelera junto ao rio, como um louco. Como se não fosse parar nunca, como se fosse seguir até a estrada acabar.

Imagina que o pai vai com ele, no lugar ao lado.

25 Um homem grande, de cara gorda, sobrancelhas subindo para o meio da testa (na expressão de quem pede desculpa, de quem tem medo) e, fatalmente, boca fechada. Todo em tons de sépia, de olhos brilhantes. Fredi sente – “como é possível?” – o cheiro do pai. Um cheiro inconfundível, a coisa simples, coisa antes de haver palavras, como uma planta, um seixo do rio. Lembra-se de senti-lo em criança na cama larga, na almofada da esquerda. Um cheiro intenso e simples ligado a um silêncio.

No lugar do morto, o pai de boca fechada, olhando em frente, tudo normal. Fredi vê-o, quase que o vê. “Como é possível?” pensa, e acelera ainda mais.

30 Quando chega ao silo – um edificio muito alto, à direita, com riscas azuis cruzando os cilindros na diagonal, como que pondo movimento nos cilindros brutais de betão – desiste, vira à esquerda, regressa.

Estaciona o carro na rua da Madalena, pega no taco e anda para casa.

Jacinto Lucas Pires, *Fotografia de grupo* (adapt.), Portugal (2003)

1. (b)

Tempo Feliz

Ó tempo em que andávamos
 por trás da parede dessas hortas,
 a ouvir os pardais e a bomba a vento cantar;
 a caçar grilos nas frestas de cada porta;
 5 a espreitar o mundo das formigas em movimento...
 Ó tempo em que julgávamos
 que o mundo era defendido
 pela força de uma parede de horta coroada de vidro...

“Montóna”... “Fundo do Nhô Moque”... “Mato Inglês”...
 10 bom dia!... Vocês não me reconhecem?
 Sou aquele que andava por cá, uma vez,
 a brincar, a rir... a correr atrás das codornizes...

Tempo gostoso! Tempo feliz!...
 As estrelas eram nossas irmãs,
 15 o chão nossa mãe, e uma parede de horta, um mundo para descobrir...

Era o tempo em que andávamos a querer intuir,
 em tudo o que nos cercava,
 aquele frio, aquela luz que podia servir,
 para esclarecer-nos, para alumiar-nos:
 20 um homem a acenar na estrada...
 uma vaca a parir...
 um pardal a cantar...

Ó aquele tempo! Ó saudade!
 Mamãe vivia ainda... o teto da nossa casa
 25 andava cheiozinho de pombas!
 A marulhar... a espancar as asas!...

Mamãe ia acordar-me logo de manhã cedo.
 Sentava-se junto da minha cabeceira...
 Mandava-me rezar...
 30 beijava-me... e eu?
 Eu não me cansava de a fitar!...

Quanta alegria!
 Quanta borboleta debaixo destes pés de purgueira*!...
 Ó quanto pardal!...

Sérgio Frusoni, *Tempo Feliz*, (inédito) Cabo Verde

* purgueira - arbusto ou árvore